

“DESPREZAR O MUNDO VISÍVEL PELAS REALIDADES INVISÍVEIS”: A MORTE MARTIROLÓGICA NA SUMA TEOLÓGICA DE TOMÁS DE AQUINO

Dionathas Moreno Boenavides¹

RESUMO: Nosso trabalho é sobre a *Quaestio* 124 da *secunda secundae* da *Suma teológica* de Tomás de Aquino (c. 1225 – 1274), cujo tema é o martírio. Na introdução tratamos da relação entre Tomás de Aquino e as instituições e acontecimentos da segunda metade do século XIII. A última parte será reservada para, além de analisar a Questão do martírio, problematizar noções que afirmam um século XIII como um tempo em que o martírio não está mais presente a não ser como recuperação do passado para servir a objetivos do presente. Nossa abordagem parte de uma História Intelectual, focando, porém, a análise do objeto na sua sincronia, ao mesmo tempo que pensa a relação entre o objeto intelectual e o contexto de sua produção. Isso permitiu perceber uma concepção de morte na Questão que analisamos bastante semelhante à “morte inimiga do homem”, o que difere da visão de alguns historiadores sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Martírio; Suma teológica; Tomás de Aquino; Morte; História Intelectual.

ABSTRACT: This article is about the *Quaestio* 124 of *secunda secundae* in *Suma Teológica* by Thomas Aquinas (c.1225 – 1274), which theme is martyrdom. In the introduction we treat about the relation between Thomas Aquinas and the institutions and events in the second half of thirteenth century. The last part will be reserved to, besides analyzing the Question of martyrdom, discuss notions that claim the thirteenth century as a time when martyrdom no longer exist, except as a recovery of the past to serve present objectives. Our approach is based on Intellectual History, however, focusing the object analysis in it synchronization, at the same time that we think the relation between the intellectual object and it production context. This allowed we to realize a conception of death in the analyzed Question very similar with the “death enemy of man”, which differs from the view of some historians about the theme.

KEYWORDS: Martyrdom; Summa Theologica; Thomas Aquinas; Death; Intellectual History.

Introdução

Ter Tomás de Aquino ou sua produção intelectual como objeto de análise histórica significa ter que refletir sobre algumas características da vasta bibliografia produzida sobre isso. Ao mesmo tempo em que é referido como o principal teólogo da escolástica medieval, havendo, portanto, uma vastidão de estudos sobre ele, muitos desses estudos focam aspectos tão específicos de Tomás ou sua obra que dificilmente contribuem para o pesquisador que começa seus estudos sobre esse

teólogo, caso no qual nos encontramos. Dito isso, esperamos justificar o caráter introdutório da maior parte da bibliografia concernente a Tomás de Aquino que utilizamos no presente trabalho.

Após uma exploração geral sobre alguns aspectos da vida de Tomás de Aquino, pretendemos apresentar e analisar questionamentos sobre aquela que é considerada sua principal obra, a *Suma Teológica (ST)*ⁱⁱ. Consideraremos, nesse momento, por exemplo, a forma como a obra está organizada, para poder localizar nosso objeto de estudo, a saber, o martírio. Feito isso vemos o funcionamento da Questão em que Tomás de Aquino analisa o martírio. Trata-se da Questão 124 da segunda parte da *ST*. Essa análise nos possibilitará perceber o que a concepção adotada por Tomás sobre o martírio tem em comum e no que ela diverge em relação à concepção sobre a morte na segunda metade do século XIII. Acreditamos que, com esse trabalho, poderemos discutir questões quanto à atualidade ou não do martírio no século XIII, assim como contribuir para os debates sobre a morte no medievo.

A metodologia que norteia nosso trabalho é oferecida pela História Intelectual, principalmente na sua preocupação com a relação diacronia/sincronia, tal como estabelecida por Carl Schorskeⁱⁱⁱ, e às possibilidades de análise da relação Texto/Contexto. Parece-nos que a História Intelectual, se em constante diálogo com a Antropologia histórica^{iv} e a Antropologia escolástica^v, mostra-se útil na elaboração de discussões como a que pretendemos apresentar.

Sobre Tomás de Aquino e a escolástica no século XIII

Para falar sobre Tomás não podemos pensar unicamente na sua biografia. É necessário, para entender sua produção intelectual e sua concepção religiosa, posicioná-lo junto às instituições às quais se vinculou durante sua vida, assim como ao contexto em que se encontrava a Europa – principalmente o norte da Península Itálica e a França – no século XIII. Institucionalmente, podemos analisar seu vínculo à Ordem dos Irmãos Pregadores (Dominicanos) e sua posição como professor universitário. Para ampliar a compreensão sobre suas ideias, teremos que entender o que significava, no século XIII, ser um pensador escolástico. A crescente dinâmica das cidades e os conflitos entre as ordens mendicantes e os hereges tampouco poderão ser ignorados.

Tomás nasceu por volta de 1225 e desde muito cedo foi direcionado à vida religiosa. Filho mais novo de uma família senhorial de um condado pertencente ao reino da Sicília, aos cinco anos de idade foi oferecido como oblato a uma abadia beneditina em Monte Casino. Permaneceu nessa abadia até 1239, quando as tropas de Frederico II ocuparam a abadia. Nesse momento, Tomás foi para a universidade de Nápoles, onde teve uma formação inicial nas Artes liberais (*trivium* e *quadrivium*). Foi nesse contexto, por volta de 1244, que Tomás, desagradando sua família, entra em contato com a Ordem dos Irmãos Pregadores, acabando por adentrar na ordem.^{vi}

Segundo Otto Hermann Pesch, a entrada de Tomás na Ordem dominicana não poderia deixar de causar estranheza em uma família senhorial como a sua ^{vii}. Tratava-se de uma ordem mendicante surgida há menos de 40 anos, com uma proposta de vida religiosa bastante diferente da que se estava acostumado. Tinha como uma das principais características a valorização da palavra como meio de edificação e combate às heresias. Apostava na vida erudita como forma mais adequada na preparação de pregadores, o que viria a gerar interessantes resultados, pois como afirma André Vauchez,

em um mundo em que o saber teórico e prático começava a ter um papel importante e onde as universidades logo iriam constituir um terceiro poder ao lado do Sacerdócio e do Império, havia lugar para uma ordem de “doutores”, cuja função principal seria “transmitir aos outros as coisas contempladas.”^{viii}

É uma ordem, portanto, com uma configuração que responde às novas demandas da luta contra as heresias. Mas Domingos, fundador da ordem, compreendia que apenas a formação culta não bastaria para alcançar os objetivos que se propunha. Outras características importantes seriam a humildade e a pobreza evangélica.^{ix}

O intuito de uma formação intelectual mais aprofundada, que auxiliaria no ímpeto pregador da ordem dominicana, ocorre em um momento de florescimento das universidades na Idade Média. Muitas delas, como as primeiras (Paris e Bolonha) apresentam-se no século XIII como um desenvolvimento das escolas que já se encontravam em funcionamento no século XII. Algumas outras, por outro lado, vão ser fundadas por iniciativa do Papado ou do Império para atender a interesses

bem delimitados, política e/ou economicamente, como é o caso da Universidade de Nápoles.^x

Tomás de Aquino passou por algumas dessas universidades durante a sua vida, tanto como estudante e discípulo de outra importante personagem da Ordem dos Pregadores no século XIII, Alberto Magno, como depois de possuir sua formação em Teologia, como mestre universitário. Assim, lecionou em Paris de 1252 a 1259 e de 1268 a 1272. Já em Nápoles, ocupou essa função entre 1259 e 1268. E é nesse ambiente universitário que Tomás entrará em contato e atuará significativamente com a Escolástica.

A Escolástica é um método que carrega consigo alguns pressupostos básicos. Podemos citar rapidamente a utilização da dialética, o recurso à autoridade, aos silogismos e a tentativa de estabelecer uma conexão entre fé e razão, entendendo e defendendo, inclusive, a Teologia como ciência. Além disso, acompanha a Escolástica e seus pressupostos uma série de exercícios denominados *quaestio*, *disputatio* e *quodlibet*^{xi}. A obra de Tomás de Aquino oferece uma interessante oportunidade para a análise da Escolástica, pois, como afirma Igor Teixeira, “no texto de Tomás de Aquino há uma reunião de características da produção de seu tempo: a forma do texto e de apresentação dos argumentos nos moldes da *quaestio*, o recurso às autoridades etc.”^{xii}

O princípio da dialética escolástica é transformar o objeto de análise em um problema.^{xiii} Uma das intenções dela é preparar para o debate. Ela se organiza, pelo menos no domínio da escrita, em uma formatação de argumentos que se contradizem. Utilizando o exemplo da *ST* podemos perceber claramente o funcionamento. Sobre isso, Nascimento explica que

Cada questão é subdividida em tópicos que recebem o nome de “artigos”. [...] Cada um dos artigos da *Suma* tem a estrutura de um artigo de questão disputada, mas com uma forma mais simples. Há sempre uma pergunta inicial que dá margem a duas respostas opostas. Seguem-se alguns argumentos (três ou quatro em geral) denominados “objeções” e que são contrários à tese que Tomás pretende sustentar. Depois dessas objeções, vem um argumento “em sentido contrário”, que consiste muito frequentemente na citação de uma “autoridade” e que na maioria dos casos representa a opinião de Tomás de Aquino. Esta é apresentada, a falar com todo rigor, no “corpo do artigo”, isto é, numa curta explanação que vem em seguida ao argumento, em sentido contrário, e contém a tese sustentada por Tomás de Aquino e sua justificação. Feito isso, Tomás responde às objeções iniciais, a não ser que a resposta seja, a seus olhos, óbvia, à luz do corpo do artigo. Nesse caso, ele se contenta com uma

cláusula estereotipada: “e assim, fica evidente a resposta às objeções”.^{xiv}

Essa forma de organização de escrita dificulta uma primeira aproximação com a documentação. Entretanto, após certo tempo de treino, percebemos nesses escritos possibilidades de análises mais diversas do que se neles houvesse apenas a opinião que o autor acaba defendendo.

Quanto ao recurso à autoridade, podemos afirmar com Le Goff que a Escolástica é um “método baseado no duplo suporte das civilizações precedentes: o cristianismo e o pensamento antigo enriquecido pela contribuição árabe. É fruto de uma renascença.”^{xv} Nesse sentido, um argumento que trouxesse juntamente a referência a algum autor respeitado, antigo ou contemporâneo, ou à Escritura, ganhava certamente força.^{xvi}

A tentativa de relacionar fé e razão fica particularmente evidente na obra de Tomás de Aquino. Nesse sentido, é perceptível sua preocupação com esse assunto ao notarmos que é o primeiro tema que Tomás se propõe a tratar na *ST*. A primeira parte da *ST* é composta por 119 Questões distribuídas entre alguns grandes temas principais. O primeiro desses grandes temas é a “Teologia como ciência”, desenvolvido em 10 artigos.^{xvii}

Os exercícios que mencionamos, a *quaestio*, a *disputatio*, e o *quodlibet*, são exercícios nos quais é oferecida a oportunidade de colocar na prática aquela forma argumentativa da dialética que se acostumou a ver na escrita. De forma geral, tratam-se de debates em que o bacharel ou o mestre discutem sobre algumas questões, estipuladas por eles ou pelo público que assiste, nos quais devem defender suas teses da forma que consideram mais adequada.^{xviii}

Já falamos sobre o fato de Tomás possuir, pelo menos, duas importantes vinculações institucionais: com a universidade e com a Ordem dos Irmãos Pregadores. Acontece que muitas vezes essa combinação gerava momentos conturbados. A boa acolhida que as ordens mendicantes receberam no começo de sua inserção nas universidades aos poucos deu lugar a um descontentamento por parte dos mestres seculares em relação ao espaço que esses mestres mendicantes, principalmente franciscanos e dominicanos, vinham ganhando dentro das universidades. Em Paris, percebemos distúrbios de 1252 até 1290, tendo o foco principal se concentrado entre 1252 e 1259. Mas esses problemas não ocorreram

apenas na universidade de Paris, sendo perceptível a existência de desavenças semelhantes em Oxford entre 1303 e 1360^{xi}. Em um misto de disputa corporativa e ideológica, seculares e mendicantes entram em embate por espaço na corporação universitária. Paris nos interessa particularmente aqui, dado o engajamento que teve Tomás de Aquino^x.

A querela chegou a um estágio em que os seculares atacaram diretamente a forma de inserção social e religiosa dos mendicantes, através de um escrito intitulado *Tratado dos perigos dos últimos tempos*, cuja autoria se atribui a Guilherme de Saint-Amour^{xi}, mestre secular parisiense. Após esse ataque recebido, Tomás escreve, como resposta, o *Contra os que impugnam o culto de Deus e a religião*^{xii}. As respostas dos mendicantes podem ser divididas em duas tentativas de argumentação principais: a que argumenta ser legítimo e útil o estilo de vida na mendicidade e a que afirma que as concepções de Guilherme de Saint-Amour sobre a Igreja e sua hierarquia estão erradas.^{xiii} Não entraremos em detalhes nas discussões sobre essas questões, mas nos interessa perceber como alguns membros importantes da ordem dominicana, motivados pela querela, assim como pela morte e canonização de seu frade Pedro de Verona (ou Pedro Mártir), situaram em seus escritos tentativas de justificar o estilo de vida adotado, assim como o caráter santo da própria ordem.^{xiv}

A morte na *Suma teológica*

Em 1265, em um Capítulo Geral da Ordem dos Irmãos Pregadores, recomenda-se que Tomás, nesse momento já bastante reconhecido como teólogo^{xv}, dirija-se a Roma para lá formar um *Studium*^{xvi}. Objetivava-se, com essa recomendação, melhorar a formação de frades que seriam escolhidos dentre os conventos da província romana. O que parece ter motivado essas ações foi a constatação de que a formação intelectual dentro da ordem estaria sofrendo com a negligência dos frades.^{xvii}

É no mencionado contexto que Tomás inicia a redação da *ST*. Mesmo que as datas da redação sejam discutíveis, é possível afirmar, com um bom grau de segurança, que na sua estada em Roma (até 1268) Tomás finalizou a redação da *prima pars*. O restante da obra deixa lacunas mais complicadas quanto à datação, assunto no qual não nos deteremos no presente trabalho. Mas é importante ter em

mente que a *tertia pars*, iniciada enquanto Tomás estava em Paris entre 1271-1272, e que teve sua redação continuada em Nápoles até o final do ano de 1273, quando Tomás interrompe a escrita, foi deixada inacabada^{xxviii}. Com a morte de Tomás, em 1274, a redação da *tertia pars* é finalizada por Reginaldo de Piperno ou por um grupo de discípulos.^{xxix}

Para entender mais elucidativamente a divisão que Tomás elabora para a *ST*, podemos evocar uma citação do próprio Tomás:

O objetivo principal da doutrina sagrada está em transmitir o conhecimento de Deus não apenas quanto ao que ele é em si mesmo, mas também enquanto é o princípio e o fim das coisas, especialmente da criatura racional [...]. No intento de expor esta doutrina, havemos de tratar: 1. De Deus [*Prima pars*]; 2. do movimento da criatura racional para Deus; 3. do Cristo, que, enquanto homem, é para nós o caminho que leva a Deus.^{xxx}

A partir desses grandes temas Tomás articula sua obra. Cada uma dessas partes é dividida, por sua vez, em grandes capítulos temáticos. Dessa forma, por exemplo, dentro da *prima pars*, que é sobre Deus, existem dez divisões temáticas, como *A teologia como ciência*, *O Deus único*, *Os três que são o Deus único*, entre outras.

Ao todo, na *ST* existem 512 Questões. Em um primeiro momento, partindo de uma análise apressada, pode parecer que Tomás de Aquino não dá à morte um espaço considerável. Se olharmos para esse documento procurando estritamente termos que remetam à “morte” ou termos paralelos, encontraremos apenas 11 menções à morte nos títulos de questões ou nos títulos dos artigos presentes nessas questões^{xxxi}. Olhando dessa forma, certamente, a *ST* se mostraria como um documento não muito convidativo para aqueles que objetivam estudar a morte na Idade Média. Porém, isso decorre de um engano. Ou melhor, de uma não percepção. Para perceber o peso dado por Tomás à morte na *ST* temos que ter em mente a relação que o fenômeno da morte tem com alguns outros temas no imaginário cristão medieval. Há uma série de expressões utilizadas por Tomás na *ST* que só fazem sentido se relacionadas com a morte. Dentro da teleologia cristã, esses termos não podem ser separados de uma visão escatológica relativamente estabelecida. Muitas das concepções que essas palavras carregam dizem respeito também a punições ou glorificações no além. Algumas expressões que entendemos nesses sentidos referidos e encontramos nos títulos das questões ou artigos da *ST*

são: falar sobre algo “nesta vida”, traçando uma comparação com a vida no além; predestinação; o Livro da Vida; a bem-aventurança; a alma separada; o último fim ou ações que objetivam o último fim; pecado mortal; vício capital; pena eterna; vida eterna; salvação, visão de Deus; condenação; o Decálogo (mais exatamente o do “não matarás”); durar para sempre; permanecer após essa vida; fim do mundo; adoração das relíquias dos santos; sepultamento; ressurreição; ascensão ao céu; abrir as portas do Reino dos Céus. Se entendermos que esses termos tem uma relação direta com a concepção do trespassse naquele momento, as questões que contém referência à morte, que anteriormente dissemos serem 11, passam para 103^{xxxii}. Das 512 questões presentes na *ST*, 103 fariam alguma referência, direta ou indireta, facilmente perceptível ou não, à morte. A *ST*, partindo dessa análise, certamente se tornaria uma documentação mais interessante para estudos sobre a morte.

Parece-nos que foi por ter analisado apenas parte das 11 passagens que referimos anteriormente, que Otto Hermann Pesch pôde reduzir a concepção de Tomás de Aquino acerca da morte a um problema cuja questão diz respeito à dúvida se a morte é algo “natural” para o homem ou um “castigo”, consequência do pecado original^{xxxiii}. Acreditamos, por outro lado, que tendo o expressivo número de 103 passagens em mente, esse reducionismo não poderia ocorrer. Evidencia-se, pensamos, a maior complexidade do pensamento de Tomás sobre a morte.

A Questão sobre o martírio: uma morte antiga?

Dentre todas as Questões em que encontramos referência à morte na *ST*, trabalharemos com uma específica: a Questão 124 da *secunda secundae*, que versa sobre o martírio^{xxxiv}. Essa Questão está localizada na parte da obra destinada a tratar do “movimento da criatura racional em direção a Deus”.

Essa Questão se divide em cinco artigos. São eles: 1) *O Martírio é um ato de virtude?*; 2) *O Martírio é um ato de fortaleza?*; 3) *O Martírio é um ato de perfeição máxima?*; 4) *A Morte pertence à razão do Martírio?* e 5) *Só a fé é causa do Martírio?*.

No primeiro artigo há três objeções que argumentam a favor da tese que o martírio não é um ato de virtude. Na primeira objeção percebemos o argumento de que um ato de virtude deve ser voluntário, enquanto o martírio muitas vezes não é. Nesse sentido, cita o caso dos Santos Inocentes, que não escolheram virar mártires,

mas viraram mesmo assim^{xxxv}. A resposta a essa afirmação Tomás elabora afirmando que, enquanto alguns mártires assim se tornaram por vontade própria, os Inocentes se tornaram pela graça de Deus. Afirma também, o que é importante naquele momento, que o fato de terem tido o sangue derramado por Cristo cumpriu a função do batismo para os Inocentes^{xxxvi}.

Na segunda objeção é afirmado que um ato de virtude não pode derivar de uma ação ilícita, como se entregar para a morte. Alguns martírios foram assim, como algumas santas que se lançaram ao rio enquanto eram perseguidas no tempo das perseguições^{xxxvii}. A resposta de Aquino também recorre à autoridade de Agostinho, quanto este diz que Deus pode ter enviado sinais de que aquelas mártires deveriam ser honradas^{xxxviii}.

Vejamos a objeção 3: lemos nessa objeção que apresentar-se para um ato de virtude trata-se de algo louvável. Apresentar-se ao martírio, por outro lado, pode parecer presunção^{xxxix}. Na réplica a esse argumento, é argumentado que

os preceitos da lei têm por objeto os atos das virtudes. Ora, certos preceitos da lei divina foram dados aos homens para preparar as almas deles, isto é, para que eles estejam prontos a agir de tal ou tal maneira quando chegar a ocasião oportuna. Desta forma, certos preceitos se ligam ao ato de virtude segundo a razão desta preparação, de tal sorte que, quando for o caso, o homem assim preparado agirá de conformidade com a razão. E isto deve ser observado principalmente a respeito do martírio que consiste em suportar devidamente os sofrimentos infligidos injustamente. Um homem nunca deve oferecer a outro uma ocasião de agir injustamente. Mas se o outro agir injustamente o primeiro deve suportá-lo na medida do que sente.^{xl}

Surge um importante início de conceituação acerca do martírio nessa passagem: seria característica dessa forma de morte suportar de forma justa os sofrimentos causados de forma injusta.

Um trecho interessante para entender outra característica recorrente na *ST* encontra-se no argumento em sentido contrário desse primeiro artigo. A característica é a utilização do que chama-se normalmente silogismo.

Somente um ato de virtude pode merecer a recompensa da bem-aventurança eterna. Ora, esta recompensa se deve ao martírio, conforme a palavra do Evangelho: “Felizes aqueles que sofrem perseguição pelo amor da justiça porque deles é o Rei dos céus”. Logo, o martírio é um ato de virtude.^{xli}

Além do recurso à autoridade, ao evocar uma passagem do Evangelho, Tomás utiliza uma forma argumentativa bastante usual entre os escolásticos. O silogismo é um “raciocínio demonstrativo” cuja teoria foi retirada das *Segundas Analíticas* de Aristóteles. Tem um princípio simples. Funciona passando de uma afirmação geral para uma conclusão mais particular. O mais famoso silogismo, citado por Jacques Paul, é o “Todos os homens são mortais, Sócrates é homem, logo, Sócrates é mortal.”^{xlii} No silogismo utilizado por Tomás na passagem acima, a lógica era que só um ato de virtude merece a bem-aventurança eterna, o martírio merece a bem-aventurança, logo, o martírio é um ato de virtude.

Para solucionar o problema que levanta nesse artigo, Tomás escreve que é um atributo da virtude conservar o sujeito na razão. A razão, por sua vez, consiste na verdade. E é intrínseco ao martírio que o mártir se mantenha na justiça e na verdade.^{xliii}

Não poderemos, e nem é exatamente necessário, destrinchar os cinco artigos dessa maneira. Mas acreditamos que ter feito isso com o primeiro auxilia na compreensão do funcionamento interno da documentação com que trabalhamos. Veremos mais detidamente apenas passagens que nos auxiliam a analisar a concepção sobre o martírio adotada por Tomás na *ST*. Fora isso, falemos resumidamente sobre o que cada artigo trata.

O segundo artigo, que questiona se o martírio seria um ato de fortaleza, também se divide em três objeções. As três objeções argumentarão no sentido de que o martírio seria ato mais de alguma outra virtude e não de fortaleza. Respectivamente, afirmam ser ato mais relacionado à fé, à caridade e à paciência^{xliv}. As respostas, nesse artigo, funcionam no sentido de mostrar como o martírio realmente é influenciado por essas três virtudes presentes nas objeções, mas é produzido pela fortaleza. Sendo assim, a fé seria o fim no qual o martírio teria sua confirmação, a caridade seria o que faz o martírio meritório e a importância da paciência ser a assistência que essa oferece à fortaleza no ato de resistir.^{xlv}

O terceiro artigo talvez seja o que melhor demonstra o quanto é importante o martírio para Tomás^{xlvi}. À pergunta *O martírio é um ato de perfeição máxima?* Tomás responde positivamente. Na argumentação que leva a essa resposta, Tomás recorre a Agostinho, que teria afirmado ser o martírio um ato de perfeição acima da virgindade, que por si só já é perfeita. O martírio pertenceria então a um “grau supremo da perfeição”^{xlvii}. A resposta desse artigo é uma das passagens mais ricas,

dentre as que analisamos, para perceber alguns traços do entendimento que Tomás tem sobre a morte. Lê-se que

Podemos falar de um ato de virtude de duas maneiras. Primeiro, segundo a espécie deste ato, enquanto relacionado à virtude do qual ele emana imediatamente. Deste ponto de vista não se pode dizer que o martírio, que consistem em aceitar devidamente a morte, seja o mais perfeito dos atos de virtude. Porque tolerar a morte não é louvável em si mesmo, mas somente enquanto se ordena a um bem que consiste num ato de virtude, como por exemplo a fé ou o amor de Deus. Nestes casos, este ato, por ser um fim, é melhor.

Segundo, enquanto relacionado com o primeiro motivo, isto é o amor de caridade. É sobretudo deste ponto de vista que um ato de virtude pertence à ordem da perfeição da vida, porque, como diz Paulo, “a caridade é o vínculo da perfeição”. Ora, entre todos os atos de virtude, o martírio é aquele que manifesta no mais alto grau a perfeição da caridade. Porque, tanto mais se manifesta que alguém ama alguma coisa, quanto por ela despreza uma coisa amada e abraça um sofrimento. É evidente que entre todos os bens da vida presente aquele que o homem mais preza é a vida e, ao contrário, aquilo que ele mais odeia é a morte, principalmente quando vem acompanhada de torturas e suplícios por medo dos quais “até os próprios animais ferozes se afastam dos prazeres mais desejáveis”, como diz Agostinho. Deste ponto de vista, é evidente que o martírio é, por natureza, o mais perfeito dos atos humanos, enquanto sinal do mais alto grau de amor, segundo a palavra de Escritura: “Não existe maior prova de amor do que dar a vida por seus amigos”.^{xlviii}

Além de outra característica para o conceito do martírio segundo Tomás de Aquino, quando ele afirma que o martírio consiste em aceitar devidamente o trespasse, a passagem citada nos possibilita perceber alguns aspectos da visão sobre a morte presente em Tomás. Primeiramente, se há uma forma “devida” de aceitar a morte, que é a forma como se dá o martírio, parece haver uma indevida. Tomás parece criticar algumas formas passivas de morte sem resistência, ou mesmo o suicídio, que é um tema complicado para o cristianismo. Ademais, Tomás ainda afirma que o bem que o homem mais ama é a vida, enquanto o que ele mais odeia é a morte, sendo a morte sofrida mais odiada ainda. Tomás não enxergaria a morte como algo corriqueiro, como análises sobre o cotidiano violento na Idade Média podem nos levar a pensar.

Não se vê nem resquícios de uma “morte domada” como Philippe Ariès defende ter havido na primeira metade do medievo. Mas o próprio Ariès notou uma mudança na segunda metade da Idade Média, em que essa suposta resignação que os homens teriam diante da “ideia de sermos todos mortais” daria lugar a um reconhecimento da “morte de si”, não mais tão resignada.^{xlix} O homem, segundo Tomás, odeia a morte, assim como a teme. É o que Claude Thiry, em seu texto “Da

morte madrastra à morte vencida: atitudes diante da morte nas lamentações fúnebres francesas”, chamou de “a morte inimiga do homem”.ⁱ

Seguindo a leitura da Questão sobre o martírio, o quarto artigo apresenta uma pergunta: a morte é realmente necessária ao martírio? Questiona, portanto, se existe alguma forma de, sobrevivendo, tornar-se mártir. Discutindo, em quatro objeções, sobre o uso metafórico do termo martírio, sobre mulheres que não morrem, mas perdem a virgindade nas mãos de perseguidores, sobre o suportar exílio, entre outras adversidades, Tomás argumenta no sentido de mostrar que não há martírio sem morteⁱⁱ. Na solução, que auxilia no trabalho de traçar um conceito sobre o mártir, ele afirma que

Chama-se mártir aquele que é como que uma testemunha da fé cristã que nos propõe desprezar o mundo visível pelas realidades invisíveis, segundo a Carta aos Hebreus. Pertence, pois, ao martírio que o homem dê testemunho de sua fé, mostrando por fatos que despreza as coisas presentes para alcançar os bens futuros.ⁱⁱⁱ

O mártir como testemunha. Esse é um conceito que se mostra recorrente. É a percepção do conceito original da palavra quando do seu surgimento, em grego^{liii}. A questão do desprezo das coisas visíveis pelas invisíveis demonstra a forte relação entre esse mundo e o Além, assim como a presença e a influência das ações de um mundo no outro. Para o imaginário medieval, a linha que dividia o mundo dos vivos e dos mortos era muito tênue. Isso explica o desprezo defendido por Tomás de Aquino com relação ao mundo terrestre, e o pretendido favorecimento do Além, local de premiação ou de punição pelas ações efetuadas em vida. É a tenuidade dessa divisão que possibilita uma presença tão forte dos mortos no cotidiano dos homens e mulheres medievais nesse momento.^{liv}

No último artigo da Questão que analisamos, vemos o questionamento acerca de se só a fé é a causa do martírio. Nesse artigo Tomás defende que não. A intenção parece ser demonstrar como as outras virtudes também podem ser motivadoras desse tipo de morte especial. Além disso, essa passagem é aproveitada para salientar a importância de que a fé não só seja professada com palavras, mas também demonstrada em boas ações.^{lv}

É interessante o peso e a importância que Tomás dá ao martírio, não dando a impressão de que é algo do passado, mas sim uma forma válida e admirável, quando ele vive, de provar o amor a Deus. Como ele afirma, esse estilo de morte

está entre as mais altas das perfeições. Utilizaremos esse momento final do nosso trabalho para tentar mostrar como o martírio não tem uma importância restrita ao passado, mas que ainda faz bastante sentido se falar sobre ele no momento em que Tomás escreve a *ST*.

Quando iniciamos na busca de bibliografia sobre o tema do martírio na *ST*, percebemos que não foi um tema muito estudado. Encontramos, entretanto, trabalhos com o tema do martírio em outra obra dominicana do século XIII, de grande importância, a *Legenda aurea*, de Jacopo de Varazze^{lvi}. Entendemos, então, o motivo que faz com que o martírio no século que estudamos não seja analisado por mais pesquisadores. Há uma concepção que o martírio, enquanto presença no século XIII, trata-se de uma permanência, uma utilização de algo do passado, de quando os cristãos eram perseguidos, e não mais quando a Igreja cristã tornou-se hegemônica no Ocidente. Neri de Barros Almeida é mais enfática nesse sentido, tendo em vista que o trabalho de Carolina Coelho Fortes não traz isso como argumentação, mas como tema de fundo para tratar questões de gênero referentes às mártires.

Almeida, por outro lado, tem como objetivo analisar os motivos que levaram Jacopo de Varazze a produzir uma obra, no século XIII, que tem a preponderância de santos mártires. O trabalho mais recente dentre os que referenciamos da autora é o que mais nos interessa para a presente análise. Neste, Néri Almeida revisita sua tese de doutorado quando defendia, segundo a própria autora, que essa permanência se devia aos “níveis de cultura”, o que não acredita mais ser pertinente. Nesse texto mais atual a autora elabora hipóteses no sentido de afirmar que o martírio pode ter sido utilizado por Jacopo para favorecer a pregação posterior, em decorrência dos imperativos de uma religião popular, ou como artifício para a criação de uma identidade, intencionando a criação de uma comunidade de valores^{lvii}. Nesse sentido, compara a utilização dos mártires por Jacopo com uma situação imaginária em uma pregação, em que

uma recriminação de antiguidade reconhecida, como, por exemplo, a adoração a deuses antigos como Apolo, pode não ter nenhum efeito moral tendo em vista a ausência do objeto, mas pode ter o efeito sociológico de cimentar uma consciência comum, de fortalecer e de produzir identificação.^{lviii}

É com esse tipo de paralelo que a autora traça que discordamos. É evidente que o martírio é um modelo de santidade “antigo”, no sentido de ter uma longa existência, tendo surgido na antiguidade em decorrência das perseguições que sofriam os cristãos. Mas nos parece que, como todos os modelos de santidade, se transformou. Mas, e nossa argumentação vai nesse sentido, não deixou de existir no século XIII, não podendo ser concebido como algo unicamente reutilizado para fazer sentido em determinadas situações.

André Vauchez, tentando formular uma espécie de tipologia dos modelos de santidade no Ocidente medieval, afirmou que no século XIII, principalmente na região da península itálica, alguém se fazia santo “pelas provações sofridas por amor a Deus e ao próximo”^{lix}. Entretanto, o autor destaca que, em via de regra, não se trata mais de morrer violentamente, nem sequer de haver derramamento de sangue^{lx}. Parece-nos que essa separação temporal do momento em que a morte sangrenta é vista como algo santificante (antes do século XIII) e quando ela passa a não ser mais (do século XIII em diante) decorre bastante dessa tentativa de criar tipologias de características de santidades com fronteiras cronológicas relativamente duras. Fortalece essa nossa impressão o momento do referido texto em que Vauchez, colocando novamente a fronteira dos modelos de santidade no século XIII, afirma que anteriormente a esse século o santo era o “morto ilustre cuja história não se conhece exatamente, mas de quem se sabe que, em vida, sofreu perseguições e tormentos por amor a Deus”^{lxi}. Essa divisão, repetimos, nos parece demasiadamente artificial e dura para captar a complexidade da realidade que envolve tanto a concepção de santidade quando a atualidade ou não de um estilo específico de morte. Nossa perspectiva, que diverge tanto da de Neri de Barros Almeida quanto da de André Vauchez, é a de afirmar que faz sentido falar de martírio no século XIII porque ele se mantém presente no imaginário, se não geral, pelo menos das ordens mendicantes que convivem com os perigos de uma vida de pregação em um momento de fortes conflitos com as heresias.^{lxii}

Episódios marcantes na história brevemente anterior da Ordem dos Pregadores parecem dialogar a favor da nossa perspectiva. A querela que nos referimos anteriormente no texto, assim como a morte e rápida canonização de Pedro de Verona (Mártir, morto em 1252 e canonizado em 1253), modificaram a forma de os dominicanos lidarem com seus escritos e seus mortos. Com os ataques que vinham sofrendo dos mestres seculares, tendo sua legitimidade colocada em

dúvida, os dominicanos produziram obras que tentavam legitimar seu estilo de vida e afirmar o caráter santo da ordem. Tomás de Aquino é um dos que produz material nesse sentido, com o *Contra impugnantes Dei cultum et religionem*, mas não será o único. Aléssio Alves identifica nas *Vitae Fratrum* uma intenção parecida, assim como afirma a importância que a canonização de Pedro Mártir teve para a ordem. É, inclusive, só depois da morte de Pedro que os dominicanos vão intensificar o culto à memória de seu fundador, Domingos^{lxiii}. Isso nos leva a crer, junto com Alves, que esse culto dialoga com uma necessidade da ordem se afirmar em um momento que tem sua legitimidade duvidada, externa, mas também talvez internamente. É um aspecto importante lembrar que, diferentemente do que afirmam alguns historiadores, Pedro não é o único mártir da Ordem dos Pregadores no século XIII, nem o primeiro^{lxiv}. As *Vitae Fratrum* trazem um relato em que três outros mártires, mortos dez anos antes de Pedro, são citados^{lxv}.

A própria Néri Almeida afirma que o material selecionado por Jacopo permitiu que ele tratasse temas como “a liberdade de pregação dos dominicanos face a quaisquer autoridades, a excelência da pobreza mendicante e a supremacia da autoridade papal no campo doutrinário e político”^{lxvi}. Não nos parece casualidade que os temas se refiram a problemas enfrentados durante a querela entre os mendicantes e os seculares, como os locais onde poderiam pregar e o estilo de vida que adotavam. Seria demasiada coincidência também imaginar que por um acaso Jacopo de Varazze se esforça para afirmar a supremacia da autoridade papal no que concerne à doutrina, em um momento em que o Papado age no sentido de favorecer os mendicantes nas disputas ocasionadas pela querela. Poderia ser buscado um vínculo também entre a intenção de liberdade de pregação frente a qualquer autoridade e o martírio de Pedro de Verona motivado por ter ido pregar em Milão, frente a autoridades heréticas.

Outros escritos poderiam ser evocados para mostrar a presença da ideia do martírio no século XIII. A cena do “martírio imaginário” e desejado de Domingos, presente na *Legenda aurea*^{lxvii} e a passagem da primeira regra franciscana que afirma o dever de se orgulhar se, ao ir pregar entre não-cristãos, tiver que entregar seu corpo em nome de Cristo, são alguns exemplos^{lxviii}. Mas parece-nos que essas são questões pertinentes a um trabalho posterior, quando pudermos problematizar esses diferentes tipos de documentação. O que pretendemos ter mostrado é que o fato de o martírio ser posicionado por Tomás na parte em que se propõe a tratar do

“movimento da criatura racional em direção a Deus” não é obra do acaso, e pode ter relação com uma afirmação tanto do estilo de vida dos dominicanos quanto da legitimidade do culto aos seus mortos.

Considerações finais

Nosso trabalho se inscreve em algumas linhas relativamente novas de pesquisa. Nossa proposta de fomentar um diálogo entre a História Intelectual (principalmente em assuntos referentes à história da morte), a Antropologia histórica e a Antropologia escolástica, por mais que ainda não tenha sido suficientemente sistematizada, parece interessante para trabalhar com o tema que nos propomos. Possibilitou que posicionássemos nosso objeto de estudo e víssemos a relação que ele tem com o contexto de sua produção, que fez com que encontrássemos uma possibilidade de vincular com a querela universitária entre mendicantes e seculares, a morte de um importante membro e santo mártir da ordem dominicana e a mudança com relação à forma de se legitimar e da forma de utilizar os seus mortos dessa mesma ordem. Mesmo sendo este um fruto inicial, parece-nos ter sido interessante e ter mostrado a possibilidade de aprofundar a relação entre escritos e o crer, assim como captar aspectos do imaginário.

Pretendemos continuar analisando a questão da morte na *ST* a partir do levantamento que fizemos, onde acreditamos ter mostrado que a concepção de morte para Tomás de Aquino não pode ser resumida à questão se ela é natural ou um castigo. A *ST*, se concordamos com o levantamento de termos que, dada a escatologia cristã e a concepção teleológica da história, remetem direta ou indiretamente à morte, mostra-se um campo de possibilidades de análise bastante rico.

Fica como projeto futuro, e como proposta de análise, a noção de atualidade do martírio no século XIII. Parece-nos que o ideal desse estilo de morte em particular, por mais que não seja o mais usual, não é inexistente e nem remete exclusivamente ao passado, mas tem grande apelo por responder a demandas presentes daqueles homens do século XIII.

REFERÊNCIAS

Documentação

IACOPO DA VARAZZE. **Legenda aurea**. Ed. G. P. Maggioni. Firenze: Galuzzo, 1998.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Direção de Pe. Gabriel C. Galache e Pe. Fidel García Rodríguez. Coordenação Geral de Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira, O. P. São Paulo: Loyola, 2001-2006, Tomo I-IX.

FRANCISCO DE ASSIS. **Escritos de S. Francisco**. Introduções de Frei David de Azevedo, OFM. Tradução de Frei Armando Mota, OFM, s/d.

Bibliografia

ALMEIDA, Néri de Barros. **A cristianização dos mortos: a mensagem evangelizadora da “Legenda aurea” de Jacopo de Varazze**. (Tese de doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

_____. Hipóteses sobre a natureza da santidade: o santo, o herói e a morte. **Signum**. São Paulo, v. 3, n. 4, 2002, pp. 11-47.

_____. Intenção do autor e cultura folclórica: o martírio na *Legenda aurea*. In: TEIXEIRA, Igor Salomão (org.). **História e Historiografia sobre a Hagiografia Medieval**. São Leopoldo: Oikos, 2014, pp. 14–29.

ALVES, A. A. A morte e os mortos em *Vitae Fratrum* de Gerardo de Frachet (1256-1260). **Revista Signum**, 2014, vol. 15, n. 1, pp. 84-108. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistasignum/index.php/revistasignumn11/article/view/132/125>. Consultado em: 17 de setembro de 2014.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARTLETT, Robert. **Why can the dead do such great things?: saints and worshippers from the martyrs to the Reformation**. Princeton: Princeton University Press, 2013.

BOENAVIDES, D. M. O martírio no século XIII: Pedro de Verona, o primeiro mártir dominicano?. In: **Atas da X Semana de Estudos Medievais**. Rio de Janeiro: PEM, 2014. pp. 139-148. Disponível em: http://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/atas_xsemana.pdf. Consultado em: 19 de agosto de 2014.

- BURGUIÈRE, A. A Antropologia Histórica. In: NOVAIS, F. & SILVA, R. (orgs.). **Nova História em perspectiva**. V. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- CHARTIER, Roger. História intelectual e História das mentalidades. In: IDEM. **À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, pp. 23-60.
- FORTES, C. C. A querela contra os mendicantes e os estudos na Ordem dos Pregadores (1250-1260). In: MATTOS, Carlina; CRUXEN, Edison; TEIXEIRA, Igor. (orgs.). **Reflexões sobre o Medievo II: práticas e saberes do Ocidente Medieval**. São Leopoldo: Oikos, 2012, pp. 131-142.
- _____. Os Mártires na Legenda Aurea: a reinvenção de um tema antigo em um texto medieval. In: LESSA, Fábio & BUSTAMANTE, Regina (orgs.). **Memória & Festa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp. 375-382.
- GELBER, H. G. **It could have been Otherwise: contingency and necessity in dominican theology at Oxford (1300-1350)**. Leiden-Boston: Brill, 2004.
- GILSON, Étienne. **A filosofia na idade média**. Martins Fontes: São Paulo, 2007.
- LAUWERS, Michel. "Morte e mortos". In: LE GOFF, J. & Schmitt, J.-C. (coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2006, pp. 243-261.
- LE GOFF, Jacques. **Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda dourada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 183.
- _____. **Os Intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. Os Limbos. **Revista Signum**, n. 5, 2003, pp. 257-289.
- NASCIMENTO, C. A. R. **Santo Tomás de Aquino: o Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: Educ, 1992.
- OEXLE, Otto Gerhard. A Presença dos Mortos. In: BRAET, H. & VERBEKE, W. (eds.). **A morte na Idade Média**. São Paulo: Editora da USP, 1996, pp. 27-78.
- PAUL, Jacques. **Historia Intelectual del Occidente Medieval**. Madri: Cátedra, 2003.
- PESCH, Otto Hermann. **Tomás de Aquino: limite y grandeza de una teologia medieval**. Editorial Herder: Barcelona, 1992.
- ROCHA, T. R. S. As *Vitae Fratrum* e a construção da identidade da Ordem dos Pregadores (séc. XIII). In: **Encontro Regional da Anpuh-Rio**. Memória e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.

- ROVIGHI, Sofia Vanni. **Introduzione a Tommaso d'Aquino**. Roma: Editori Laterza, 1981.
- SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SCHORSKE, Carl. **Fin-de-siècle Vienna. Politics and Culture**. New York: Cambridge University Press, 1979.
- SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TEIXEIRA, Igor Salomão. Antropologia Histórica e Antropologia Escolástica na obra de Alain Boureau. **Bulletin du Centre d'Etudes Médiévales d'Auxerre**, v. 18, p. 1-13, 2014. Disponível em: <http://cem.revues.org/13439>. Consultado em: 27/07/2014.
- _____. *A Suma Teológica* de Tomás de Aquino e a instrução moral no século XIII. **Acta Scientiarum**, 2015. No prelo.
- _____. **Como se constrói um santo: a canonização de Tomás de Aquino**. Curitiba: Editora Prismas, 2014.
- THIRY, Claude. Da morte madrasta à morte vencida: atitudes diante da morte nas lamentações fúnebres francesas. In: BRAET, H. & VERBEKE, W. (eds.). **A morte na Idade Média**. São Paulo: Editora da USP, 1996, pp. 249-270.
- TORREL, J.-P. O.P. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra**. São Paulo: Loyola, 1999.
- VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- VAUCHEZ, André. "O Santo". In: LE GOFF, Jacques (dir.). **O Homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 211-230.
- VERGER, Jacques. **As Universidades na Idade Média**. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.
- VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, H. & VERBEKE, W. (eds.). **A morte na Idade Média**. São Paulo: Editora da USP, 1996, pp. 11-26.

NOTAS

ⁱ Graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desenvolve pesquisa vinculada ao setor de História Medieval desta instituição e ao projeto "Os Tempos da Santidade: processos de canonização e relatos hagiográficos dos santos mendicantes (séculos XIII-XIV) sob orientação do Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira.

ⁱⁱ Para os fins deste trabalho, utilizaremos a versão bilíngüe latim/português TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Direção de Pe. Gabriel C. Galache e Pe. Fidel García Rodríguez. Coordenação Geral de Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira, O. P. São Paulo: Loyola, 2001-2006, Tomo I-IX. Serão utilizadas as formas tradicionais de referência para esta obra. Exemplificando: II-II, Q. 124, a. 1, sol. Lê-se: Segunda parte da segunda parte, questão 124, artigo 1, solução à questão. Também podem aparecer termos como "obj.", "rep.", "arg.s.c.", significando, respectivamente, "objeção", "réplica" e "argumento em sentido contrário".

ⁱⁱⁱ SCHORSKE, Carl *Fin-de-siècle Vienna. Politics and Culture*. New York: Cambridge University Press, 1979, pp. XXI-XXII. Cf CHARTIER, Roger. História intelectual e História das mentalidades. In: IDEM. À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

^{iv} Sobre a Antropologia histórica, cf. BURGUIÈRE, A. A Antropologia Histórica. In: NOVAIS, F. & SILVA, R. (orgs.). Nova História em perspectiva. V. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

^v Cf. TEIXEIRA, Igor Salomão. Antropologia Histórica e Antropologia Escolástica na obra de Alain Boureau. *Bulletin du Centre d'Etudes Médiévales d'Auxerre*, v. 18, p. 1-13, 2014. Disponível em: <http://cem.revues.org/13439>. Consultado em: 27/07/2014.

^{vi} Para um pouco mais sobre esse momento inicial da vida religiosa de Tomás, cf. NASCIMENTO, C. A. R. *Santo Tomás de Aquino: o Boi Mudo da Sicília*. São Paulo: Educ, 1992, pp 12-14; PESCH, Otto Hermann. *Tomás de Aquino: limite y grandeza de una teologia medieval*. Editorial Herder: Barcelona, 1992, pp 55-56; GILSON, Étienne. *A filosofia na idade média*. Martins Fontes: São Paulo, 2007, p 653; ROVIGHI, Sofia Vanni. *Introduzione a Tommaso d'Aquino*. Roma: Editori Laterza, 1981, pp. 7-10; TORREL, J.-P. O.P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. São Paulo: Loyola, 1999, pp. 1-21.

^{vii} PESCH, Otto Hermann. *Tomás de Aquino... op. cit.* p. 87.

^{viii} VAUCHEZ, André. A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 135.

^{ix} Idem. *Ibidem*.

^x Para informações sobre as universidades no século XIII, cf. VERGER, Jacques. *As Universidades na Idade Média*. São Paulo: Editora da UNESP, 1990, pp. 71 - 87; LE GOFF, Jacques; *Os Intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1993, pp. 59-94; PAUL, Jacques. *Historia Intelectual del Occidente Medieval*. Madri: Cátedra, 2003, pp. 335-365.

^{xi} LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais... op. cit.* pp. 74-79.

^{xii} TEIXEIRA, Igor Salomão. A *Suma Teológica* de Tomás de Aquino e a instrução moral no século XIII. *Acta Scientiarum Educação*, 2015. No prelo.

^{xiii} LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais... op. cit.* p. 75.

^{xiv} NASCIMENTO, C. A. R. *Santo Tomás de Aquino... op. cit.* p. 63.

^{xv} LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais... op. cit.* p. 75. Essa renascença de que Le Goff fala é o processo que ficou conhecido pela historiografia como Renascimento do século XII. Não trataremos dela aprofundadamente nesse trabalho, mas é importante saber que esse processo está na origem da Escolástica e propiciou o aumento do contato dos eruditos ocidentais com as obras dos pensadores antigos. Em Tomás, isso fica particularmente evidente pela utilização recorrente que faz dos escritos de Aristóteles, recorrentemente referido naquele momento como "O Filósofo". Esse olhar sobre os escritores antigos, considerados "pagãos", como se pode imaginar, não foi consensualmente aceito. Enquanto alguns homens de saber, como Tomás de Aquino, defendiam a possibilidade de adequar aquele pensamento às intenções cristãs, outros serão contrários a essa utilização. Tomás, em 1277, terá inclusive algumas teses suas condenadas por possuir relações com o pensamento aristotélico e árabe.

^{xvi} Essa referência a escritos de outros autores no intuito de fortalecer a própria opinião não pode ser confundida com a noção de autoria atual. Essa noção é bastante complicada para se aplicar aos escritos medievais, na medida em que boa parte dessas obras tem as ideias retiradas de obras anteriores, sem que os autores entendessem como necessário informar isso ao leitor, efetuando um trabalho que se pode chamar de compilação.

^{xvii} I, Q. 1, a. 1-10.

^{xviii} Cf. Idem. Ibidem. pp. 76-79. Focamos, dado a finalidade desse trabalho, em estudos sobre a Escolástica em uma perspectiva teológica. Outras abordagens, no entanto, são também possíveis e importantes. Para um exemplo de análise da Escolástica focando o aspecto político, cf. SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 70-86.

^{xix} Sobre esse contexto, cf. GELBER, H. G. *It could have been Otherwise: contingency and necessity in dominican theology at Oxford (1300-1350)*. Leiden-Boston: Brill, 2004.

^{xx} E não só ele representando os mendicantes. Boaventura, teólogo franciscano, posteriormente também canonizado, teve grande participação no embate, por exemplo.

^{xxi} Guilherme foi um importante representante secular do pensamento escolástico. Nasceu por volta de 1200 em Saint-Amour e recebeu uma importante formação intelectual. No momento da querela entre mendicantes e seculares, Guilherme era mestre de Teologia da universidade de Paris.

^{xxii} No original: *Contra impugnantes Dei cultum et religionem*. Boaventura também elaborou um importante escrito contra o ataque de Guilherme de Saint-Amour, o *Defesa dos pobres (Apologia Pauperum)*.

^{xxiii} Sobre essa querela, cf. PAUL, Jacques. *Historia intelectual... op. cit.* pp. 362-365; VERGER, Jacques. *As universidades... op. cit.* pp. 75-79; LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais... op. cit.* pp. 82-85; FORTES, C. C. A querela contra os mendicantes e os estudos na Ordem dos Pregadores (1250-1260). In: MATTOS, Carlina; CRUXEN, Edison; TEIXEIRA, Igor. (orgs.). *Reflexões sobre o Medievo II: práticas e saberes do Ocidente Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2012, pp. 131-142.

^{xxiv} Como argumentaremos posteriormente, essa defesa de estilo de vida parece ser perceptível em escritos como as *Vitae Fratrum*, de Gerardo de Frachet, a *Suma teológica* e na *Legenda aurea*, de Jacopo de Varazze. Sobre as *Vitae Fratrum*, conferir, para uma argumentação nesse mesmo sentido, ALVES, A. A. A morte e os mortos em *Vitae Fratrum* de Gerardo de Frachet (1256-1260). *Revista Signum*, 2014, vol. 15, n. 1, pp. 84-108. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistasignum/index.php/revistasignumn11/article/view/132/125>. Consultado em: 17 de setembro de 2014. Isso tudo não significa, entretanto, que seja possível identificar uma coesão nas atitudes da ordem dominicana em relação a esse problema da crise de legitimidade. A análise dos dominicanos de Oxford, por exemplo, mostra que seria precipitado imaginar essa homogeneidade.

^{xxv} O que não implica que suas ideias sejam amplamente aceitas nesse contexto, inclusive entre os dominicanos, porque como afirma Étienne Gilson, seria “uma estranha ilusão de perspectiva representar um século XIII tomista, porque os homens desse tempo seguramente não o viram sob esse aspecto [...]”. GILSON, Étienne. *A filosofia... op. cit.* p. 734. O reconhecimento que afirmamos se percebe pelo fato de que, mesmo sendo controverso, como afirma Otto Hermann Pesch, não poderia ser deixado de lado em questões importantes, como concílios convocados por papas. PESCH, Otto Hermann. Tomás de Aquino... *op. cit.* p. 53. Também se percebe um certo renome pelo fato de que, no momento da redação das *Vitae Fratrum*, Tomás, por possuir certo prestígio, aparecer como tendo participado de uma comissão que elaborou as normas sobre os estudos dentro da ordem dominicana, e atuado na querela a qual nos referimos anteriormente. Cf. TEIXEIRA, Igor Salomão. *Como se constrói um santo: a canonização de Tomás de Aquino*. Curitiba: Editora Prismas, 2014, pp. 91-92.

^{xxvi} Forma de organização de ensino da Ordem dos Pregadores, dirigidos por dominicanos visando a formação de dominicanos.

^{xxvii} Cf. TORREL, J.-P. O.P. *Iniciação a Santo Tomás...op. cit.* pp. 167-168.

^{xxviii} Idem. Ibidem. pp. 170-172.

^{xxix} Torrel afirma que essa sequência da *tertia pars*, conhecida como *Suplemento* foi elaborada por discípulos de Tomás, partindo do seu comentário sobre as *Sentenças*. Cf. Idem. *Ibidem*. pp. 172-173. Carlos Arthur R. Nascimento, por sua vez, afirma que essa continuação teria sido redigida por Reginaldo de Piperno, quem conheceria o plano pretendido por Tomás. Cf. NASCIMENTO, C. A. R. *Santo Tomás de Aquino... op. cit.* p. 63.

^{xxxj} I, Q. 2, Prólogo.

^{xxxi} I-II, Q. 67; I-II, Q. 85, a. 5 e 6; II-II, a. 64; II-II, Q. 123, a. 4 e 5; II-II Q. 124; II-II, Q. 164, a. 1; III, Q. 46; III, Q. 47; III, Q. 48; III, Q. 49 e III, Q. 50.

^{xxxii} I, Q. 12, a. 11 e 12; I, Q. 18; I, Q. 23; I, Q. 24; I, Q. 26; I, Q. 27, a. 8; I, Q. 89; I, Q. 97, a. 1 e 4; I, Q. 117, a. 4; I-II, Q. 1; I-II, Q. 2; I-II, Q. 4; I-II, Q. 5; I-II, Q. 11, a. 3 e 4; I-II, Q. 12, a. 2 e 4; I-II, Q. 13; I-II, Q. 14, a. 2; I-II, Q. 15; I-II, Q. 16; I-II, Q. 18, a. 4; I-II, Q. 19, a. 7; I-II, Q. 67; I-II, Q. 69; I-II, Q. 74, a. 1 e 8; I-II, Q. 85, a. 5 e 6; I-II, Q. 87, a. 3 e 5; I-II, Q. 88; I-II, Q. 89, a. 5; I-II, Q. 114, a. 2 e 3; II-II, Q. 2, a. 3, 7 e 8; II-II, Q. 3, a. 2; II-II, Q. 8, a. 7; II-II, Q. 17, a. 2 e 3; II-II, Q. 18, a. 2, 3 e 4; II-II, Q. 24, a. 8 e 12; II-II, Q. 27, a. 4; II-II, Q. 35, a. 3 e 4; II-II, Q. 36, a. 3 e 4; II-II, Q. 38, a. 1 e 2; II-II, Q. 43, a. 4; II-II, Q. 45, a. 4 e 6; II-II, Q. 54, a. 3; II-II, Q. 55, a. 2; II-II, Q. 59, a. 4; II-II, Q. 64; II-II, Q. 66, a. 7; II-II, Q. 69, a. 1 e 4; II-II, Q. 70, a. 4; II-II, Q. 72, a. 2; II-II, Q. 73, a. 2; II-II, Q. 75, a. 2; II-II, Q. 76, a. 3; II-II, Q. 98, a. 3; II-II, Q. 105, a. 1; II-II, Q. 107, a. 3; II-II, Q. 110, a. 4; II-II, Q. 111, a. 4; II-II, Q. 112, a. 2; II-II, Q. 115, a. 2; II-II, Q. 118, a. 4 e 7; II-II, Q. 122, a. 6; II-II, Q. 123, a. 4 e 5; II-II, Q. 124; II-II, Q. 125, a. 3; II-II, Q. 132, a. 3 e 4; II-II, Q. 141, a. 6; II-II, Q. 148, a. 2 e 5; II-II, Q. 150, a. 2; II-II, Q. 153, a. 4; II-II, Q. 154, a. 2 e 4; II-II, Q. 158, a. 3 e 6; II-II, Q. 162, a. 5 e 8; II-II, Q. 164, a. 1; II-II, Q. 169, a. 2; II-II, Q. 175; II-II, Q. 180, a. 5 e 8; II-II, Q. 181, a. 4; II-II, Q. 184, a. 3; II-II, Q. 185, a. 7; II-II, Q. 186, a. 9; III, Q. 1, a. 2; III, Q. 9, a. 2; III, Q. 25, a. 6; III, Q. 46; III, Q. 47; III, Q. 48; III, Q. 49; III, Q. 50; III, Q. 51; III, Q. 52; III, Q. 53; III, Q. 54; III, Q. 55; III, Q. 56; III, Q. 57; III, Q. 61, a. 1; III, Q. 65, a. 4; III, Q. 69, a. 3 e 7; III, Q. 81, a. 4; III, Q. 84, a. 5; III, Q. 86; III, Q. 87, a. 4 e III, Q. 90, a. 4.

^{xxxiii} PESCH, Otto Hermann. *Tomás de Aquino... op. cit.* pp. 230-236.

^{xxxiv} II-II, Q. 124. Pretendemos fazer um trabalho mais aprofundado sobre a questão da morte na *Suma teológica* futuramente, englobando as questões acima referidas.

^{xxxv} II-II, Q. 124, a. 1, obj. 1.

^{xxxvi} II-II, Q. 124, a. 1, rep. 1. É importante a afirmação quanto ao “batismo” dos Inocentes porque o século XIII é um momento em que se está afirmando uma determinada “geografia do Além”. Uma das questões que se tenta responder é o que acontece com as crianças que morrem antes de receber o batismo, não tendo culpa disso. Elas não poderiam ir para o Paraíso, tendo em mente que o batismo é um pré-requisito para isso. Ganha força, nesse momento, a ideia dos Limbos. Sobre isso, cf. LE GOFF, Jacques. Os Limbos. *Revista Signum*, n. 5, 2003, pp. 257-289.

^{xxxvii} II-II, Q. 124, a. 1, obj. 2.

^{xxxviii} II-II, Q. 124, a. 1, rep. 2.

^{xxxix} II-II, Q. 124, a. 1, obj. 3.

^{xl} II-II, Q. 124, a. 1, rep. 3.

^{xli} II-II, Q. 124, a. 1, arg. s. c.

^{xlii} PAUL, Jacques. *Historia Intelectual... op. cit.* p. 354.

^{xliiii} II-II, Q. 124, a. 1, sol.

^{xliiv} II-II, Q. 124, a. 2, obj. 1, 2 e 3.

^{xli v} II-II, Q. 124, a. 2, rep. 1, 2 e 3.

^{xli vi} E, ao que nos parece, para a ordem dominicana em geral.

^{xli vii} II-II, Q. 124, a. 3, arg. s. c. A referência completa para a afirmação de Agostinho seria o livro *de Sancta Virginit* (C. 46, n. 47: ML 40, 424). Na edição da *Suma teológica* que utilizamos, é recomendável, se utilizamos mais a parte em português, conferir frequentemente a parte em latim, tendo em vista que a tradução não traz, na maioria das vezes, as referências dos autores que Tomás usa em sua argumentação. Isso importa particularmente nos momentos de recurso à autoridade.

xlviii II-II, Q. 124, a. 3, sol.

xlix ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 61. Essa ideia de “morte domesticada” está longe de ser consensual. Michel Vovelle chega a afirmar que não acredita que “tenha existido um tempo em que a morte humana tenha podido ser natural, como pensa Philippe Ariès, isto é, aceita serenamente, sem medo nem apreensão”. VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, H. & VERBEKE, W. (eds.). *A morte na Idade Média*. São Paulo: Editora da USP, 1996, pp. 11-26, p. 14. Para uma visão sucinta sobre a morte no período medieval, cf. LAUWERS, Michel. “Morte e mortos”. In: LE GOFF, J. & Schmitt, J.-C. (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006, pp. 243-261.

^l THIRY, Claude. Da morte madrasta à morte vencida: atitudes diante da morte nas lamentações fúnebres francesas. In: BRAET, H. & VERBEKE, W. (eds.). *A morte na Idade Média*. São Paulo: Editora da USP, 1996, pp. 249-270, p. 252. Importante salientar que a análise que possibilita que Thiry perceba três noções-chave em relação à morte (morte inimiga, invencibilidade no combate e morte madrasta/mãe) parte de um *corpus* bastante delimitado que são os poemas de lamentação fúnebre, principalmente no *langue d’oïl*. Interessante que essa tipologia tríplice proposta surge a partir de uma análise de um poema anônimo, mas cujo autor parece ser membro de alguma ordem mendicante.

^{li} II-II, Q. 124, a. 4, obj. 1, 2, 3 e 4, rep. 1, 2, 3 e 4.

^{lii} II-II, Q. 124, sol.

^{liii} Cf. BARTLETT, Robert. *Why can the dead do such great things?: saints and worshippers from the martyrs to the Reformation*. Princeton: Princeton University Press, 2013, pp. 3-7.

^{liv} Sobre a presença dos mortos no cotidiano medieval, cf. SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 (mais especificamente sobre os mendicantes em pp. 154-161; OEXLE, Otto Gerhard. A Presença dos Mortos. In: BRAET, H. & VERBEKE, W. (eds.). *A morte na Idade Média*. São Paulo: Editora da USP, 1996, pp. 27-78. Enquanto Schmitt analisa essa presença principalmente a partir dos relatos de fantasmas e da busca pela responsabilidade dos ritos da morte, Oexle se detém bastante sobre a continuidade da existência jurídica dos sujeitos mesmo após a sua morte.

^{lv} II-II, Q. 124, a. 5, sol.

^{lvi} ALMEIDA, Néri de Barros. *A cristianização dos mortos: a mensagem evangelizadora da “Legenda aurea” de Jacopo de Varazze*. (Tese de doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1998; *Idem*. Hipóteses sobre a natureza da santidade: o santo, o herói e a morte. *Signum*. São Paulo, v. 3, n. 4, pp. 11-47, 2002; *Idem*. Intenção do autor e cultura folclórica: o martírio na *Legenda aurea*. In: TEIXEIRA, Igor Salomão (org.). *História e Historiografia sobre a Hagiografia Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2014, pp. 14–29; FORTES, Carolina. Os Mártires na Legenda Aurea: a reinvenção de um tema antigo em um texto medieval. In: LESSA, Fábio & BUSTAMANTE, Regina (orgs.). *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp. 375-382.

^{lvii} *Idem*. Intenção do autor... *op. cit.* pp. 20-21.

^{lviii} *Idem*. *Ibidem*. p. 21.

^{lix} VAUCHEZ, André. “O Santo”. In: LE GOFF, Jacques (dir.). *O Homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 211-230, p. 220.

^{lx} *Idem*. *Ibidem*.

^{lxi} *Idem*. *Ibidem*. p. 223.

^{lxii} Uma questão que consideramos importante e poucas vezes levantada nos debates sobre o tema que analisamos é o fato de que os papas tendiam a afirmar os Cruzados que morriam em batalha como mártires. Isso reforça, pensamos, o sentido atual do martírio no século XIII.

^{lxiii} ALVES, A. A. A morte e os mortos... *op. cit.* pp. 85-91.

^{lxiv} Como exemplos de historiadores que afirmaram Pedro como primeiro mártir dos dominicanos, podemos citar ROCHA, T. R. S. *As Vitae Fratrum* e a construção da identidade da Ordem dos Pregadores (séc. XIII). In: Encontro Regional da Anpuh-Rio. *Memória e Patrimônio*, Rio de Janeiro,

2010, ou mesmo LE GOFF, Jacques. *Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda dourada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 183.

^{lxv} Trabalhamos com essa questão anteriormente, cf. BOENAVIDES, D. M. O martírio no século XIII: Pedro de Verona, o primeiro mártir dominicano?. In: Atas da X Semana de Estudos Medievais. Rio de Janeiro: PEM, 2014. pp. 139-148. Disponível em: http://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/atas_xsemana.pdf. Consultado em: 19 de agosto de 2014.

^{lxvi} ALMEIDA, Néri de Barros. Intenção do autor... *op. cit.* p. 27.

^{lxvii} *De Sancto Dominico*. In: IACOPO DA VARAZZE. *Legenda aurea*. G. P. Maggioni (Ed.). Firenze: Galuzzo, 1998, p. 721.

^{lxviii} FRANCISCO DE ASSIS. Primeira Regra (1R), Cap. 16. In: *Escritos de S. Francisco*. Introduções de Frei David de Azevedo, OFM. Tradução de Frei Armando Mota, OFM, s/d.